

LITTERATURA

O ALIENISTA

IV

UMA THEORIA NOVA

Ao passo que D. Evarista, em lagrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa idéa arrojada e nova, propria a alargar as bases da psychologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assumptos, e pontuando as fallas de um olhar que mettia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã,—eram passadas tres semanas,—estando Crispim Soares occupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista mandava chamar.

— Trata-se de negocio importante, segundo elle me disse, acrescentou o portador.

Crispim empallideceu. Que negocio importante podia ser, se não alguma triste noticia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este topico deve

ficar claramente definido, visto insistirem nelle os chronicistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta

annos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monologos que elle fazia agora, e

que os famulos lhe ouviam muita vez:— « Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de

Cesaria? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda,

aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miseravel. Dizes *amen* a tudo, não é? ah! tens o lucro, biltre! »

E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo.

Daqui a imaginar o effeito do recado é um nada. Tão depressa elle o recebeu como abriu mão das drogas e

voou á Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria propria de um sabio, uma alegria abotoada de circumspecção até o pescoço.

— Estou muito contente, disse elle.

— Noticias do nosso povo? perguntou o boticario com a voz tremula.

O alienista fez um gesto magnifico, e respondeu:

— Trata-se de cousa mais alta, trata-se de uma experiencia scientifica. Digo experiencia, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéa; nem a sciencia é outra cousa, Sr. Soares, se não uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiencia, mas uma experiencia que vai mudar a face da terra. A loucura, objecto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticario. Depois explicou compridamente a sua idéa. No conceito d'elle a insania abrangia uma vasta superficie de cerebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocinios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na historia e em Itaguahy; mas, como um raro espirito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguahy, e refugiou-se na historia. Assim, apontou com especialidade alguns personagens celebres, Socrates, que tinha um demónio familiar, Pascal, que via um abysmo á esquerda, Mahomet, Caracalla, Domiciano, Caligula, etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridiculas. E porque o boticario se admirasse de uma tal promiscuidade, o

alienista disse-lhe que era tudo a mesma cousa, e até acrescentou sentenciosamente:

— A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a serio.

— Gracioso, muito gracioso! exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céo.

Quanto á idéa de ampliar o territorio da loucura, achou-a o boticario extravagante; mas a modestia, principal adorno de seu espirito, não lhe soffreu confessar outra cousa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era « caso de matraca. » Esta expressão não tem equivalente no estylo moderno. Naquelle tempo, Itaguahy, que como as demais villas, arraiaes e povoações da colonia, não dispunha de imprensa, tinha dous modos de divulgar uma noticia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da camara e da matriz;— ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contractava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e elle annunciava o que lhe incumbiam,— um remedio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo ecclesiastico, a melhor thesoura da villa, o mais bello discurso do anno, etc. O systema tinha inconvenientes para a paz publica; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuia. Por exemplo, um dos vereadores, — aquelle justamente que mais se oppuzera á criação da Casa Verde,— desfructava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticára um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os mezes. E dizem as chronicas que algumas pessoas affirmavam ter visto cascaveis dansando no peito do vereador; affirmação perfeitamente falsa, mas só devida á absoluta confiança no systema. Verdade, verdade; nem todas as instituições do antigo regimen, mereciam o desprezo do nosso seculo.

— Ha melhor do que annunciar a minha idéa, é pratical-a, respondeu o alienista á insinuação do boticario.

E o boticario, não divergindo sensivelmente deste modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

— Sempre haverá tempo de a dar á matraca, concluiu elle.

Simão Bacamarte reflectiu ainda um instante, e disse:

— Suppondo o espirito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrahir a perola, que é a razão; por outros termos, demarcemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilibrio de todas as faculdades; fóra dahi insania, insania, e só insania.

O vigario Lopes, a quem elle confiou a nova theoria, declarou lisamente que não chegava a entendel-a, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia principio de execução.

— Com a definição actual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a creca?

Sobre o labio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdem vinha casado á commiserção; mas nenhuma palavra sahiu de suas egregias entranhas. A sciencia contentou-se em estender a mão á theologia, — com

tal segurança, que a theologia não soube emfim se devia crer em si ou na outra. Itaguahy e o universo ficavam á beira de uma revolução.

(Continua.)

MACHADO DE ASSIS.

HYGIENE

A hygiene, dizem os tractados, é a *arte de conservar a saude*. E' incompleta a definição. A hygiene não tem por fim unico a conservação desse equilibrio funcional que constitue nos entes organizados o que chamamos a saude; mas tambem so propõe desenvolver, fortificar e proteger cada um desses entes em todas as circumstancias da vida e através de todas as vicissitudes de tempo e logar.

A hygiene é pois a *arte de viver*.

Investigar as condições accessorias e as regras mais racionais para que todo ente dotado de vida goze pelo maior espaço de tempo e do modo mais vantajoso possivel da plenitude das suas forças e da integridade das suas funcções, tal é o fim do hygienistas e o objecto da hygiene.

Eis o plano adoptado pelo auctor dessas linhas para as breves noções, que pretende offerecer ás leitoras da *Estação*.

Encararemos o homem ou o corpo humano desde o momento em que nasce e acompanhá-lo-hemos na vida, seguindo as idades e peripecias da existencia, até depois da morte.

Assim, descrevemos a hygiene: 1º, da primeira infancia (desde o nascimento até a idade de 2 annos), 2º, da segunda infancia (2 a 7 annos); 3º, da adolescencia (7 a 12 annos); 4º, da mocidade (12 a 18 annos); 5º, da virilidade (18 a 36 annos); 6º, da idade madura (36 a 50 annos); 7º, da idade critica (50 a 65 annos); 8º, da velhice; 9º, da morte.

Esta divisão nova dos diferentes periodos da vida humana parecerá menos singular desde que se attenda ás profundas modificações que a marcha da civilização e os progressos da hygiene imprimiram ao organismo, nas funcções e na longevidade dos povos.

PRIMEIRA INFANCIA

1 a 2 annos

A revolução que se opera no organismo da creança, no momento que se põe, pela primeira vez, em contacto com o mundo exterior, é uma das mais sorprendentes maravilhas da natureza.

A creança é fraca, a sua pelle delicada, produz por si mesmo pouco calorico vital e perde-o facilmente pela irradiação no ar relativamente frio que o envolve.

D'ahi decorre a hygiene dos primeiros mezes da vida.

Cumpra impedir a perda de calor natural da creança por meio de uma camisa de algodão ou linho, um amplo saiote, de lã fina e macia, com mangas largas, que a envolva dos pés ao pescoço, e uma touquinha leve.

Os recém-nascidos, não produzindo bastante calor proprio, devem ser incubados, se assim me posso exprimir, durante os primeiros mezes, não com o auxilio do calor natural da mãe ou da ama, o que é impraticavel e poderia ser perigoso, mas por meio de calor artificial.

Lavada e vestida a creança, dão-se-lhe algumas colherinhas de agua tepida assucarada e é posta no berço, que deve ser uma caminha fixa, immovel. Ao despertar, dá-se-lhe o seio; e se não mamar, é necessario cortar-lhe logo, muito de leve, o freio da lingua.

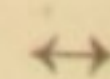
(Continua.)

DR. RICARDO C.

ALBUM

N'esta secção compendiaremos pensamentos, em prosa ou verso, de salutar lição ou aprasivel diversão, ordenados alphabeticamente, extrahidos dos melhores autores, portuguezes e brasileiros.

Serão flôres da litteratura offerecidas ás flôres da sociedade.



A affronta propria é juiz suspeito.

Garrett.—Camões.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

Bernardino Ribeiro.—Menina e moça.

A florescencia do espirito não enpece aos maviolos instinctos do coração.

C. Castello Branco.—*Esboço de apreciações litterarias.*

A formosura sem os enfeites do espirito pôde impressionar, mas não captiva.

C. Castello Branco.—*Obr. cit.*

Agua e annos, se não aproveitam com bons empregos, perdidos são e pouco de estimar.

Fr. Luiz de Souza.—*Historia de S. Domingos.*

A honra da mulher comparo eu à conta do algarismo, tanto erra quem errou em um como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, e acharão esta conta certa.

D. Francisco Manoel de Mello.—*Carta da Guia de Casados.*

Ai! assim és vida minha!
 Já desprezos, já carinhos;
 Hoje grinaldas de rosas
 A' manhã c'roa de espinhos

A. E. Zaluar.—*Dôres e Flôres.*

Ai dos que não perdoam! No calvario
 Quem podia vingar-se, perdoou!
 E do sangue cahido no sudario
 A liberdade eterna se formou.

F. Gomes de Amorim.—*Versos (Ephemeros).*

Almas formadas
 Para a virtude e nobres sentimentos,
 Facil se entendem, facil communicam
 De seu ardor sagrado o intimo fogo.

Garrett.—*Camões.*

A lua é calma e tem vulções no seio.

Pinto Ribeiro Junior.—*Corôas Fluctuantes.*

Amar com a condição de ser amado é egoismo, é humano; amar sem esperança de ser amado e sem curar de o ser, é divino.

Pedro Ivo.—*Serões de inverno.*

Amor, amor merece.

Antonio Ferreira.—*Castro (tragedia).*

Amor é um fogo que arde sem se ver
 E' ferida que dôe e não se sente.

Camões.—*Soneto.*

ECONOMIA DOMESTICA

GELEIRA ITALIANA

Tomai dois vasos, um externo de madeira e o outro interno de ferro ou folha de flandres deixando entre os dois um espaço de 8 a 10 centimetros; n'esse intervalo introduzi uma mistura em partes iguaes de chlorureto de calcio e azotato de ammoniaco em pó, dissolvidos em igual peso de agua. Passados tres quartos de hora a agua contida no vaso interno estará congelada.

AGUA DE COLONIA

Oleo essencial de bergamote	10	grams.
" " " Portugal	10	"
" " " limão	10	"
" " " fl. de laranja	2	"
" " " alecrim	2	"
Alcool de 96°	968	"

Fazei dissolver e filtrai.

VINHO DE QUINA

Quina cinsenta.....	50	grams.
Alcool de 60°.....	60	"
Vinho tinto.....	1000	"

quebrai a quina em pedacinhos, derramai por cima o alcool, deixando a mistura assim durante 24 horas. Juntai o vinho e deixai durante 20 dias, sacudindo de vez em quando, comprimi e filtrai.

Prepara-se do mesmo modo o vinho de quina amarello e o vinho de quina vermelho substituindo os 50 gr. de quina cinsenta por 30 gr. apenas de quina calysaya ou quina vermelha.

DESTRUIÇÃO DE RATOS E CAMONDONGOS

Estendei sobre um prato, gesso em pó finissima; derramai por cima uma ligeira camada de farinha. Em pequena distancia desse prato collocai outro contendo uma pouca d'agua. Os ratos e camondongos irão comer a farinha ingerindo ao mesmo tempo um pouco de gesso; se em seguida beberem; o que é pro-

vavel, o gesso encherá e matará o animal por sufocação.

CONSERVAÇÃO DO LEITE

No verão podereis conservar o leite por muito tempo, lançando em um litro de leite uma grammã de acido borico. A presença d'esse acido nem pode ser nocivo á saude nem altera as qualidades do leite.

LIMONADAS REFRIGERANTES

Limonada gasosa secca :	
Acido citrico.....	3 grams.
Bi-carbonato de soda..	2 "
Assucar em pó.....	50 "
Limonada citrica.....	
Assucar.....	125 grams.
Acido citrico.....	4 "
Essencia de limão.....	7 a 8 gotas.

Misturai deitando uma colher da mistura para um copo d'agua.

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 Novembro de 1881.

Ainda não se morre de calor, nem se deslocam os queixos nos bocejos do tédio.

O verão parece adiado d'esta vez.

As ultimas chuvas refrescaram bastante a atmospherã, para que as fluminenses não tenham ainda sentido a necessidade de subirem a serra em busca d'um supplemento de humidade.

Estã-se ainda muito bem no Rio de Janeiro.

Os theatros aproveitam este *post-scriptum* de frescura para darem as suas ultimas novidades.

Como novidade theatral devo citar o beneficio de D. Lucinda, no bello theatrinho que ella illustrou com o seu nome e encanta com o seu talento.

Foi uma bella festa, o seu beneficio, e esplendidamente concorrida.

Representaram-se duas comedias: o *Irmão mais velho*, de Daudet; e *Mosquitos por corda*, do Sr. Eduardo Garrido.

O *Irmão mais velho*, de Daudet, é um pequeno acto, cheio de encanto. Sem grande entrecho, sem nenhum artificio prende sobretudo pela naturalidade da acção e pela simplicidade de pensamento poeticamente *sympathico*.

E' a historia singular d'um viuvo que nunca foi casado.

Dois irmãos, orphãos, amam a mesma mulher; mas o mais velho, que tivera como legado amar seu irmão mais moço, cala a sua paixão, e André casa com Suzanna. Para não ser testemunha d'essa felicidade que elle desejava para si, o infeliz parte á noite, apenas abençoado o consorcio, para não voltar senão quatro annos depois, quando cre que a sua paixão está senão morta pelo menos mais calma.

Vinha viver ao lado d'ella, beijal-a respeitadamente.

Durante a sua ausencia muitas cousas se tinhão passado; Suzanna tinha morrido e Clara com a sua ternura, com a bondade, com os seus encantos consolava a viuvez de André.

Ao saber isto, toda a paixão do irmão mais velho por Suzanna está em odio contra Clara e em queixas contra André.

Quem chegou a possuir um thesouro como aquelle e tem a desgraça de o perder, nunca mais o substitue.

— Oh! tu não a amavas!

E narra-lhe então todas as torturas da sua paixão. Quer partir, já não pode ver o irmão, a vista de Clara exaspera-o; e não é senão aos rogos d'esta e quando sabe o culto que ella dedicava a Suzanna, as flôres de cujo tumulo regava cada dia, que cede e fica na casa em que viveu Suzanna, que os dois lhe abandonam — «Podendo elles amar-se e ser felizes em qualquer parte».

E como tudo isso é natural, como tudo é simples d'essa simplicidade suave que encanta!

D. Lucinda, Clara e o Sr. Furtado Coelho, o irmão mais velho, deram grande brilho e relevo aos seus papeis.

Eu não farei os mesmos elogios aos tres actos do Sr. Eduardo Garrido.

Molière tomava o seu bem onde e achava. O Sr. Eduardo Garrido faz mais do que Molière: toma o bem dos outros onde o encontra.

Se se desse uma busca nos *Mosquitos por corda*, para

restituir o sou a seu dono, bem pouco restaria ao seu autor.

Os autores do *Homard*, do *Fauteuil du médecin* e tantos outros que escrevem para o Palais-Royal, de Paris, reconheceriam facilmente o seu carimbo em muito dito em muita scena « original do Sr. Garrido. »

Não serei porém que me incumba de tão desagradavel tarefa, sobretudo quando tendo de estendel-a a todos, teria de começar pela imprensa diaria. E se noto esta circumstancia é simplesmente para me justificar de não contar a peça, que sendo um arranjo, uma successão de scenas, não tem um pensamento principal.

De mais, velhos ou ineditos fazem rir e a bom rir estes actos a Sra. Elisa e o Sr. Ferreira trazem o publico em perenne hilaridade; e quando o publico ri, está preenchido o papel do autor comico.

D. Lucinda e o Sr. Furtado, como era de esperar, representaram com toda a correccão os seus papeis.

Ao meu lado, affiançava um espectador :

— Nunca me ri tanto!

E todavia estava bem vestido, este espectador!

A curiosidade fluminense jubila.

Quem diz fluminense, diz curioso, e é preciso vel-os querendo já lobrigar a través dos muros da Typographia Nacional, os saquinhos de baeta azul da exposição do café. O facto é que está tudo muito bem arranjado.

Sem julgal-a pelo lado utilitario, a exposição que á hora em que eu escrevo estas linhas, ainda não está patente aos olhos do publico, vem fazer uma agradável diversão ás graves preoccupações dos fluminenses.

Nem todos pensam que o Brazil é o café; mas a exposição ha de interessar a todos pelo seu lado pittoresco.

As salas apresentam um bello aspecto.

Desde a entrada até a sala principal, caminha-se entre alas de palmeiras que espalham o seu doce tom e uma frescura agradabilissima.

Tudo está arranjado segundo um plano.

Mais de mil amostras, mil e duzentas, creio, se ostentam nos seus saquinhos.

Sabe-se d'ali com um verdadeiro culto pelo café e admirado o talento de encenação de que deram prova os directores.

O teatro tem muitas maneiras de nos divertir; mas nenhuma tão singular como a traducção que nos acaba de dar o Recreio Dramatico.

Refiro-me á traducção de M. *Barbizon*.

O traductor verteu a peça a principio sob o titulo de *Scenas da vida parisiense*.

Como o Conservatorio Dramatico recusasse a peça, elle apresentou-a mezes depois sob o titulo de *Venus de Milo*, como foi aceita está sendo representada.

Não é ainda o procedimento do Conservatorio Dramatico recusando e licenciando a mesma peça que espanta, elle tem feito tantas! O que ha de original é como se fez de M. *Barbizon*, de G. Petit e H. Aimard, a *Venus de Milo*.

O original não se prestava a semelhante titulo. Então o traductor imagina o seguinte:

Barbizon tem de fazer a descripção da personagem mais importante da comedia, e eis como elle a faz:

— Que mulher, meu amigo, que olhos, que braços, que braços... a Venus de Milo!

O que é tanto mais extraordinario, quando a Venus de Milo não tem braços.

Como se originou a moda do pó de arroz.

O famoso pó que hoje tanto concorre para a belleza da mulher, foi entretanto usado da primeira vez como condição de frialdade.

Duas freiras d'um convento de França, tiveram de fazer uma viagem. Sendo jovens e bellas calcularam que podiam ser perseguidas por todos os galantes que encontrassem no seu caminho.

Para fugir a essa perseguição tentadora, imaginaram fazer-se velhas, empoando-se para isso de pó de arroz.

Ficaram porém tão mais bellas, que todas as mundanas seguiram logo o seu exemplo, e pegou a moda de empoar-se.

E' singular como esses dois pós, a polvora e o pó de arroz, luas armas tão terriveis, sahiram ambos de pacificos conventos!

D. J.

LITTERATURA

O ALIENISTA

V

O TERROR.

Quatro dias depois, a população do Itaguahy ouviu consternada a noticia de que um certo Costa fôra recolhido á Casa Verde.

— Impossivel!

— Qual impossivel! foi recolhido hoje de manhã.

— Mas, na verdade, elle não merecia... Ainda em cima! depois de tanto que elle fez...

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguahy. Herdára quatrocentos mil cruzados em boa moeda de el-rei D. João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver « até o fim do mundo. » Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividil-a em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dous mil a outro, trezentos a este, oitocentos áquelle, a tal ponto que, no fim de cinco annos, estava sem nada. Se a miseria viesse de chofre, o pasmo de Itaguahy seria enorme; mas veio de vagar; elle foi passando da opulencia á abundancia, da abundancia á mediania, da mediania á pobreza, da pobreza á miseria, gradualmente. Ao cabo daquelles cinco annos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que elle assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no hombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas. E o Costa sempre lhano, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos cortezes eram justamente os que tinham ainda a divida em aberto; ao contrario, parece que os agazalhava com maior prazer, e mais sublime resignação. Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e elle se risse della, observou um desafiegado, com certa perfidia:—« Você supporta esse sujeito para ver se elle lhe paga. » Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a divida. — « Não admira, retorquiu o outro; o Costa abriu mão de uma estrella, que está no céu. » Costa era perspicaz, entendeu que elle negava todo o merecimento ao acto, attribuindo-lhe a intenção de rejeitar o que não vinham metter-lhe na algibeira. Era tambem pundonoroso e inventivo; duas horas depois achou um meio de provar que lhe não cabia um tal labéu: pegou de algumas dobras, e mandou-as de empréstimo ao devedor.

— Agora espero que...— pensou elle sem concluir a phrase.

Esse ultimo rasgo do Costa persuadiu a credulos e incredulos; ninguem mais pôz em duvida os sentimentos cavalheirescos daquelle digno cidadão. As necessidades mais acanhadas sahiram á rua, vieram bater-lhe á porta, com os seus chinellos velhos, com as suas capas remendadas. Um verme, entretanto, roia a alma do Costa: era o conceito do desaffecto. Mas isso mesmo acabou; trez mezes depois veio este pedir-lhe uns cento e vinte cruzados com promessa de restituir-lh'os dahi a dous dias; era o residuo da grande herança, mas era tambem uma nobre desforra: Costa emprestou o dinheiro logo, logo, e sem juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco mezes depois era recolhido á Casa Verde.

Imagina-se a consternação de Itaguahy, quando soube do caso. Não se fallou em outra cousa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os accessos, que eram furiosos, sombrios, terriveis, — ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu á Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquillo, um pouco espantado, fallando com muita clareza, e perguntando porque motivo o tinham levado para alli. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte approvava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a sciencia era a sciencia, e que elle não podia deixar na rua um mentecapto. A ultima pessoa que intercedeu por elle (porque depois do que vou contar ninguem mais se atreveu a procurar o terrivel medico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilibrio das faculdades mentaes, á vista do modo como dissipára os cabedaes que...

— Isso, não! isso não! interrompeu a boa senhora com energia. Se elle gastou tão depressa o que recebeu, a culpa não é d'elle.

— Não?

— Não, senhor. Eu lhe digo como o negocio se passou. O defuncto meu tio não era máu homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santissimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubára um boi; imagine como ficou. A cara era um pimentão; todo elle tremia, a boca escumava; lembra-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabelludo, em mangas de camisa, chegou-se a elle e pediu agua. Meu tio (Deus lhe falle n'alma!) respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para elle, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga:—« Todo o seu dinheiro não hade durar mais de sete annos e um dia, tão certo como isto ser o sino salamão! » E mostrou o sino salamão impresso no braço. Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquelle maldito.

Bacamarte espetára na pobre senhora um par de olhos agudos como punhaes. Quando ella acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse á propria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir fallar ao primo. A misera acreditou; elle levou-a á Casa Verde e encerrou-a na ala dos allucinados.

A noticia desta aleivosia do illustre Bacamarte lançou o terror á alma da população. Ninguem queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimidade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Commentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outr'ora dirigira á prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E dahi a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que elle levava, pareciam desmentir uma tal hypothese. Historias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais credulos chegou a murmurar que sabia de outras cousas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quasi que podia jurar.

— Você, que é intimo d'elle, não nos podia dizer o que ha, o que houve, que motivo...

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos attonitos, era para elle uma consagração publica. Não havia duvidar; toda a povoação sabia emfim que o privado do alienista era elle, Crispim, o boticario, o collaborador do grande homem e das grandes cousas; dahi a corrida á botica. Tudo isso dizia o carão jocundo e o riso discreto do boticario, o riso e o silencio, porque elle não respondia nada; um, dous, trez monosyllabos, quando muito, soltos, seccos, encapados no fiel sorriso, constante e miudo, cheio de mysterios scientificos, que elle não podia, sem desdouro nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana.

— Ha cousa, pensavam os mais desconfiados.

Um desses limitou-se a pensal-o, deu de hombros e foi embora. Tinha negocios pessoaes. Acabava de construir uma casa sumptuosa. Só a casa bastava para deter e chamar toda a gente; mas havia mais, — a mobilia, que elle mandára vir da Hungria e da Hollanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janellas viviam abertas, — e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnifica, jardim pomposo, mobilia rara. Não deixou o negocio das albardas, mas repousava d'elle na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguahy, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da camara. Entre a gente illustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se fallava, ou se louvava a casa do albardeiro, — um simples albardeiro, Deus do céu!

— Lá está elle embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã.

De manhã, com effeito, era costume do Matheus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamal-o para almoçar. Os visinhos, embora o comprimentassem com certo respeito, riam-se por traz d'elle, que era um gosto. Um desses chegou a dizer que o Matheus seria muito mais economico, e estaria riquissimo, se fabricasse as albardas para si mesmo; epigramma inintelligivel, mas que fazia rir ás bandeiras despregadas.

— Agora lá está o Matheus a ser contemplado, diziam á tarde.

A razão deste outro dito era que, de tarde, quando as familias sahiram a passeio (jantavam cedo) usava o Matheus postar-se á janella, bem no centro, vistoso,

sobre um fundo escuro, trajado de branco, attitude senhoril, e assim ficava duas e tres horas até que anoitecia de todo. Póde crer-se que a intenção do Matheus era ser admirado e invejado, posto que elle não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticario, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos. E entretanto não foi outra a allegação do boticario, quando o alienista lhe disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que elle Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquillo de contemplar a casa...

— Não, senhor, acudiu vivamente Crispim Soares.

— Não?

— Hade perdoar-me, mas talvez não saiba que elle de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os outros que o admiram a elle e á obra. — E contou o uso do albardeiro, todas as tardes, desde cedo até o cahir da noite.

Uma volupia scientifica alumiou os olhos de Simão Bacamarte. Ou elle não conhecia todos os costumes do albardeiro, ou nada mais quiz, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma noticia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfel-o; mas como tinha as alegrias proprias de um sabio, concentradas, nada viu o boticario que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrario, era de tarde, e alienista pediu-lhe o braço para irem a passeio. Deus! era a primeira vez que Simão Bacamarte dava ao seu privado tamanha honra; Crispim ficou tremulo, atarantado, disse que sim, que estava prompto. Chegaram duas ou tres pessoas de fóra, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atravavam o passeio, como podia acontecer que Bacamarte elegeisse alguma dellas, para acompanhal-o, e o dispensasse a elle. Que impaciencia! que afflicção! Emfim, sahiram. O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o á janella, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as attitudes, a expressão do rosto. O pobre Matheus, apenas notou que era objecto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguahy, redobrou de expressão, deu outro relevo ás attitudes... Triste! triste! não fez mais do que condemnar-se; no dia seguinte, foi recolhido á Casa Verde.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

HYGIENE

PRIMEIRA INFANCIA

(Vide o n. de 15 de Novembro)

Alimentação. — Toda a mulher deve amamentar seu filho. E' uma lei universal que se não pôde infringir sem arriscar a saude tanto da mãe como do filho.

Nos casos excepcionaes em que o aleitamento materno é impossivel, cumpre recorrer a uma ama ou ao aleitamento artificial por meio de colher.

Recusamos da maneira mais absoluta o aleitamento directo por meio de um animal, a cabra, por exemplo, assim como o aleitamento com mamadeira, instrumento tão inutil como perigoso.

Como se deve compôr o aleitamento por meio de colher?

Um pouco d'agua tepida assucarada no primeiro dia. No segundo, uma colher de leite de vacca fresco, não aquecido, em quatro colheres d'agua tepida apenas assucarada. No quinto, igual quantidade de leite e agua assucarada. No decimo ao decimo quinto dia, duas colheres de leite e uma de agua assucarada: no fim de quinze dias dá-se leite puro.

Ao cabo do segundo ou terceiro mez já se pôde dar á criança sopinhas de pão com leite, ou mingãos ralos de araruta, leite fresco e assucar.

A creança deve mamar cinco, seis ou sete vezes no maximo, por dia; quatro, cinco ou seis vezes de dia e apenas uma de noite.

A quantidade de leite necessaria a um recém-nascido, diariamente, é uma ou duas colheres de sopa no primeiro dia, um quarto de litro no terceiro e no quarto, meio litro até ao fim do primeiro mez, dous terços de litro, um litro mesmo até á epocha da desmama, que se deve effectuar entre o decimo e o decimo segundo mez, sem fazer o minimo caso das chamadas molestias da dentição.



SOPHIE CROISSETTE

Artista Socia da Comedia Franca